

ERGOLOGIA - REFERÊNCIA TEÓRICA E ESTRATÉGICA PARA INTERVENÇÃO EM SITUAÇÕES DE TRABALHO

ERGOLOGY - THEORETICAL AND STRATEGIC REFERENCE FOR INTERVENTION IN WORK SITUATIONS

Entrevistadora:



Larissa Prato Santos – Graduanda em Psicologia pela Faculdade de Ciências e Letras “ Universidade Estadual Paulista” – Unesp, Campus de Assis /SP. Estagiária da Ênfase Subjetividade, Trabalho e Administração Social no Estágio Específico Psicologia e Saúde no Trabalho – Bolsista de Iniciação Científica – FAPESP – Processo - 2019/11878-3.

Entrevistado :



Wladimir Ferreira de Souza - Docente do Instituto de Psicologia/UERJ e da Pós-graduação em Gestão Estratégica de Pessoas do NPG/FAF/UERJ. Pós-doutorado

SANTOS, L. P; SOUZA, W.F. *Ergologia - referência teórica e estratégica para intervenção em situações de trabalho*. R. Laborativa, v. 9, n. 2, p. 109-117, out./2020. <http://ojs.unesp.br/index.php/rlaborativa>

em Saúde Pública pela ENSP/Fiocruz. Mestre e Doutor em Psicologia Social pelo PPGPS/UERJ, com estágio doutoral (PDEE/CAPES) no *Institut d'Ergologie/ Université d'Aix-Marseille* (França). Psicólogo.

Resumo: Nesta entrevista o Prof Wladimir Ferreira de Souza - Docente do Instituto de Psicologia/UERJ e da Pós-graduação em Gestão Estratégica de Pessoas do NPG/FAF/UERJ, comenta sobre sua trajetória profissional no campo da Ergologia, descreve sua opinião sobre as contribuições da abordagem ergológica para as áreas da Saúde e Educação, bem como para o campo da Saúde do Trabalhador e destaca a importância de uma Gestão de Pessoas ergológica.

Palavras chave: Ergologia, Trabalho, Saúde do Trabalhador

Abstract: In this interview, Prof. Wladimir Ferreira de Souza – Professor in Institute of Psychology of UERJ and on the Post-graduation course of Strategic People Management in NPG/FAF/UERJ, comments on his professional career in Ergology field, describes your opinion about the contributions of ergological approach to the areas of Health and Education, as well to the field of Occupational Health and highlights the importance of an Ergological People Management.

Keywords: Ergology, Work, Occupational Health

Resumen: En esta entrevista, el Professor Wladimir Ferreira de Souza – Professor en el Instituto de Psicología/UERJ y en el curso de postgrado en Gestión Estratégica de unas Personas en NPG/FAF/UERJ, comenta sobre su carrera profesional en el campo de la ergologia, describe su opinión sobre las contribuciones del enfoque ergológico en las áreas de Salud y Educación, así como para el campo de la Salud Ocupacional y destaca la importancia de una Gestión Ergológica de Personas.

Palabras clave: Ergología, Trabajo, Salud Ocupacional

Santos, L.P: Comente sobre sua trajetória profissional no campo da Ergologia.

Souza, W.F: Conheci a Ergologia por intermédio do professor Milton Athayde, quando iniciei o Mestrado sob sua orientação em 2002. Durante o meu doutoramento, também sob a orientação do professor Milton, conheci o professor Yves Schwartz (principal referência científica da *démarche* ergológica) em uma de suas vindas ao Brasil. Nesse primeiro encontro com o professor Yves, pude apresentar-lhe meu projeto de pesquisa, sendo então aceito para realizar em 2007, sob sua supervisão, meu estágio doutoral no Departamento (atual Instituto) de Ergologia na Universidade de Aix-Marseille (França), principal polo acadêmico de desenvolvimento da Ergologia. Desde então venho utilizando essa *démarche* como orientação em diferentes práticas profissionais, como, por exemplo, quando fui diretor de um estabelecimento de Saúde Pública; como psicólogo do campo da Saúde do Trabalhador; e também como docente, nas atividades de ensino (disciplinas obrigatórias e eletivas e estágio curricular), pesquisa-intervenção e extensão (oferecendo cursos, palestras e realizando “Encontros sobre o Trabalho” com coletivos de trabalhadores/as, entre outras atividades).

Santos, L.P: Descreva as principais razões que o levaram a se envolver com estudos e pesquisas sobre a Ergologia.

Souza, W.F: Primeiramente por considerar a importância dos principais referenciais teóricos e metodológicos e das experiências que possibilitaram as condições para a emergência e o desenvolvimento da Ergologia. Aqui citarei a Ergonomia da Atividade (vertente da Ergonomia oriunda dos estudos desenvolvidos no então Laboratório de Ergonomia do Conservatório Nacional de Artes e Ofícios, CNAM (na sigla em francês), sob a direção de Alain Wisner; a filosofia das ciências da vida de Georges Canguilhem; e por último, mas não menos importante, o Modelo Operário Italiano de produção de conhecimento e luta pela saúde (sob a liderança de Ivar Odone e Alessandra Re). Tais contribuições são apropriadas de modo singular e profícuo pela perspectiva ergológica, o que possibilita a incidência de uma crítica construtiva sobre elas para melhor compreensão de seus alcances e limites e para a potencialização de seus resultados.

A Ergologia também opera como uma orientação para o diálogo crítico e sinérgico com diversas ciências e abordagens. Entre essas

abordagens encontramos as Clínicas do Trabalho, como a Clínica da Atividade e a Psicodinâmica do Trabalho.

Além disso, considero incontornável, em qualquer estudo e pesquisa que se queira desenvolver sobre o trabalho, a busca de construir e desenvolver o “ponto de vista da atividade”; a postura, que é também uma regra, de humildade epistemológica proposta pela Ergologia; além da configuração do dispositivo dinâmico de três polos (DD3P) como um paradigma que colabora para colocar diferentes saberes em diálogo, no processo de análise das atividades, e assim poder melhor compreender↔transformar o trabalho. Este dispositivo mobiliza um processo de coprodução de conhecimento que envolve o polo do saber científico, dos conceitos formalizados e o polo da experiência dos trabalhadores/as, protagonistas do trabalho em análise. Há aí uma dupla confrontação: dos saberes científicos entre si e destes com os saberes da experiência, da atividade. Para compreender↔transformar o trabalho (e os processos de trabalho, subjetivação e saúde-doença que a ele se referem) esses dois polos deverão se encontrar por intermédio de um terceiro polo, das exigências éticas, epistêmicas e metodológicas e da confiança mútua. Esse terceiro polo, do encontro, é o que viabiliza o diálogo sinérgico e crítico entre os outros dois polos. Nesse sentido, um dispositivo que tem se mostrado extremamente fértil em inúmeras pesquisas realizadas no Brasil (tendo apresentado diversas configurações) é representado pelos “Encontros sobre o Trabalho” (na França denominado *Rencontres du Travail*).

Santos, L.P. Na sua opinião quais as contribuições da Ergologia para as áreas da Saúde e Educação.

Souza, W.F. Entendo que a Ergologia pode oferecer para essas duas áreas uma orientação, uma forma de encaminhar as questões que lhes são pertinentes. Quando pensamos na área da Educação é comum nos vir à lembrança o nome de Paulo Freire. Há muitas congruências entre as suas propostas e o paradigma ergológico, inclusive há o reconhecimento, no interior da perspectiva ergológica, da importância do patrimônio da obra desse pensador e toda a rica produção no campo da Educação Popular. Louis Durrive, um parceiro de longa data de Yves Schwartz, e que com ele organizou o importante livro “*Travail & Ergologie*”, traduzido e publicado no Brasil com o título “Trabalho e Ergologia”, tem atuado em uma modalidade de *ergoformação*, no campo

da Educação de Adultos e a Formação Profissional e trazido excelentes contribuições para essa e outras áreas.

Na área da Saúde podemos encontrar contribuições na discussão acerca do conceito de saúde, do trabalho em Saúde, da saúde mental no trabalho, entre outras.

Uma das características e potencialidades do DD3P é a de poder ser utilizado em diversas situações onde haja atividade humana. Portanto, esse dispositivo pode ser útil para compreender↔transformar positivamente situações diversas nessas duas áreas, como por exemplo, a relação ensino-aprendizagem ou a relação professor/a-aluno/a; a relação profissional de saúde-paciente/cliente/usuário; a formação em nível de graduação e pós-graduação nas áreas de Saúde e Educação; os processos de formação em serviço, ou formação continuada e educação permanente.

Santos, L.P. Na sua opinião quais as contribuições da Ergologia para o campo da Saúde do Trabalhador?

Souza, W.F: Retomando o que disse anteriormente sobre a formação continuada/educação permanente, ressalto que os Centros de Referência em Saúde do Trabalhador (CEREST) têm um papel primordial no âmbito da Rede Nacional de Atenção à Saúde do Trabalhador (RENAST) e da Política Nacional de Saúde do Trabalhador e da Trabalhadora, pois são o centro articulador das ações intra e intersetoriais de Saúde do Trabalhador e polo irradiador das ações e experiências nesse campo.

O CEREST é um dos locais onde atuo profissionalmente. Então, eu posso constatar que o apoio matricial oferecido pelos CERESTs à rede SUS pode ser beneficiado com as contribuições da Ergologia, principalmente no que concerne ao modo como esta concebe a saúde e o trabalho, e à importância que confere ao protagonismo dos trabalhadores/as em qualquer debate sobre o trabalho.

Para a Ergologia, na linha do que propunha Canguilhem, a saúde está relacionada à capacidade normativa dos seres humanos, não se trata de mera adaptação, mas de lidar com as normas, suas e dos outros, e ser capaz de renormatizar em um meio que é sempre infiel, variável, em parte conhecido, mas também desconhecido, inédito, singular. Portanto, é algo que diz respeito a cada um/a, sobre o qual todos temos algo a dizer, não somente os chamados “especialistas”.

No que concerne ao trabalho, este é entendido como atividade, como matriz da história humana, como experiência decisiva em nossa trajetória filogenética, ontogenética e sociogenética. Para a Ergologia, "trabalhar é gerir", não é mera execução de prescrições. É uso: uso de si por si/para si; e uso de si pelos outros/ para os outros. Isso envolve uma série de elementos, que nos leva a convocar outras ciências e abordagens para sua compreensão e para as intervenções necessárias e pertinentes ao campo da Saúde do Trabalhador, as quais eu entendo que devem ter um caráter multiprofissional, interdisciplinar e transdisciplinar.

Outra contribuição diz respeito a um fato ao qual já me referi aqui, mas que vale a pena retomar e desenvolver neste ponto. É incontornável para a Ergologia trazer para o campo de debates o saber, a experiência dos trabalhadores. Porém, não entendo que isso se dê no sentido de querer apenas "dar voz aos trabalhadores" ou apenas de querer "ouvi-los" como informantes, mas sim de colaborar para criar canais, espaços, meios de expressão sobre o trabalho em que os trabalhadores/as sejam protagonistas ativos de sua construção e manutenção. Pois, os trabalhadores têm muito o que dizer sobre sua atividade, já que a conhecem, a experimentam, a vivem no seu dia a dia profissional e pessoal. Mas esse algo a dizer, essa "voz" que o trabalhador tem, nem sempre consegue ser expressada, nem sempre é valorizada, e isso ocorre por diversos motivos, sendo um deles, as formas de gerenciamento que tolhem as possibilidades de diálogo e, conseqüentemente, de encontrar coletivamente outros rumos que permitam trabalhar e viver de modo mais saudável. Nesse sentido a Ergologia vem discutindo o que tem sido denominado de *ergomanagement*, um *ergogerenciamento* ou gerenciamento ergológico. O que nos remete a outras importantes questões que se referem à chamada Gestão de Pessoas.

Santos, L.P. Você considera que a Ergologia pode contribuir para as práticas de Gestão de Pessoas dentro das organizações na contemporaneidade?

Souza, W.F : Sim. A "gestão" foi um tema que explorei em minha tese de doutorado. Já exerci cargos de direção/chefia buscando ter os princípios ergológicos como orientadores de minha prática. Tenho escrito alguns artigos e capítulos de livro sobre isso, e atualmente leciono em uma pós-graduação em Gestão Estratégica de Pessoas, onde discuto algumas dessas contribuições. Creio que o ponto de partida para tentar

responder a essa pergunta seria retomar aqui o entendimento do que é o trabalho para a Ergologia: "trabalhar é gerir". Portanto, nessa concepção, gestão toma uma dimensão ampliada, não é exclusividade dos chamados "gestores". Então, uma prática de Gestão de Pessoas que se oriente pela perspectiva ergológica deverá necessariamente ter em conta que todos/as que trabalham exercem uma forma de gestão de sua atividade. Assim como a saúde, gestão é algo que diz respeito a cada um/a, que precisa gerir sua vida, fazer escolhas, pôr em debate as diversas normas existentes, considerando todo o universo de valores que permeia esses debates com os outros e consigo mesmo. Uma Gestão de Pessoas ergológica, um *ergomanagement*, deverá seguir a regra e assumir a postura de humildade epistemológica e convocar diferentes saberes para sua condução, e manter o diálogo permanente com todos os atores pertinentes.

Santos, L.P. Comente sobre o perfil das produções científicas sobre a Ergologia nos últimos anos.

Souza, W.F A Ergologia tem marcado sua presença em pelo menos três continentes, Europa (principalmente França, Portugal e Suíça), América (sobretudo no Brasil) e África (especialmente Argélia, Comores, Moçambique e Tunísia).

Pesquisas e intervenções orientadas pela perspectiva ergológica e que têm feito uso do DD3P em suas diferentes configurações podem ser encontradas nesses diferentes países e em diversos estados do Brasil. Esses estudos têm sido realizados por grupos de pesquisa-intervenção em diferentes ambientes e situações de trabalho: escolas, hospitais, centros de saúde, centros de atenção psicossocial, centros de teleatendimento, bancos etc., tendo por objetivo colaborar para que os coletivos de trabalho possam compreender e elaborar suas questões efetivas, pertinentes, e promover transformações positivas, melhorando seu trabalho e alterando o quadro de nocividades que possa estar ali presente.

Como exemplo, cito o GT Modos de Vida e Trabalho da ANPEPP (Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa), do qual participo. Este reúne docentes, pesquisadores e alunos de pós-graduação de diversas universidades e centros de ensino e pesquisa brasileiros, cujas produções científicas baseiam-se nas contribuições da Ergologia.

Profissionais com formações diversas têm utilizado a Ergologia em suas práticas ou em suas pesquisas e intervenções. São psicólogos/as, educadores, médicos/as, enfermeiros/as, engenheiros/as, linguistas, entre outros.

O Instituto de Ergologia da Universidade de Aix-Marseille na França continua reunindo figuras importantes da *démarche* ergológica, com intensa produção científica, e vem disponibilizando em seu *site* na *Internet* algumas dessas produções, inclusive as mais recentes, como o último número da Revista Ergologia, o que também é feito por intermédio da Sociedade Internacional de Ergologia (SIE).

Santos, L.P: Na sua percepção, quais as perspectivas e desafios da Ergologia no contexto brasileiro?

Souza, W.F : O Brasil é um dos países onde a Ergologia encontrou um campo muito fértil, tanto para ser acolhida quanto para se desenvolver. Creio que as perspectivas são positivas, considerando que há diversos grupos em universidades, institutos tecnológicos, centros de pesquisa, em diferentes estados, dedicando-se às pesquisas e intervenções conduzidas sob a orientação da Ergologia. Vejo que as áreas da Saúde e da Educação têm sido aquelas com perspectivas mais promissoras no momento, considerando a inserção que a Ergologia já possui nessas áreas. Mas, acredito que também a área da Administração (entre outras), poderá se beneficiar mais de suas contribuições em pouco tempo.

Há alguns desafios com os quais temos que lidar cotidianamente. Um desses desafios está em superar uma visão do trabalho como algo exclusivamente nocivo, adoecedor. Ele pode ser isso sim, muitas vezes. Porém nem sempre e não somente. O trabalho é uma atividade humana com muitos vetores e valências. Como destaca Christophe Dejours, “jamais é neutro em relação à saúde”. O trabalho pode também ser operador de saúde, proporcionar reconhecimento, prazer, afirmação da identidade. Tanto um quanto outro caminho dependerá de diversos fatores.

Outro desafio que eu poderia citar seria o de lidar com o risco, já apontado pelo próprio Yves Schwartz, de um uso demagógico da Ergologia. Quando se aborda a vida, a saúde, a atividade de trabalho das pessoas, muito (se não tudo) do que se pode dizer sobre isso diz respeito

SANTOS, L. P; SOUZA, W.F. *Ergologia - referência teórica e estratégica para intervenção em situações de trabalho*. R. Laborativa, v. 9, n. 2, p. 109-117, out./2020. <http://ojs.unesp.br/index.php/rlaborativa>

a elas. Por exemplo, suas dificuldades e possibilidades, seu sofrimento, seus projetos e suas conquistas. Essa atração que esses temas exercem em grande parte das pessoas, nos exige ainda mais rigor científico, aprofundamento teórico e métodos adequados para abordá-los. Porém essa atração pode também levar alguns a quererem se apropriar desse conhecimento rapidamente, sem o necessário aprofundamento e rigor a que me referi. Isso os levaria a ter uma apreensão equivocada das contribuições que a Ergologia aporta para análise e intervenção acerca dessas temáticas. É algo que deve ser mais do que aprendido, devemos nos impregnar dessa postura e desse conhecimento. “*Impreendê-los*”, conforme o neologismo “*imprendizagem*” proposto por Yves Schwartz. Portanto, um desafio que se coloca para já é o de evitar que ocorra um uso deturpado da Ergologia. Pois a *démarche* ergológica devidamente transmitida, apreendida e utilizada em nosso contexto, com todo o rigor teórico-metodológico-técnico que lhe é característico, pode ser uma das importantes ferramentas de que precisamos para orientar os projetos de construção e transformação de que tanto necessitamos, para que tenhamos a sociedade e o mundo que desejamos.

Entrevista apresentada em: 29/07/2020

Aprovada em: 7/08/2020

Versão final apresentada em: 10/08 /2020